

Em livro, pediatra neonatologista compartilha experiências e relatos vividos no Piauí durante pesquisa sobre a situação das salas de parto e dos profissionais que atendem bebês recém-nascidos

Renato Lima levou para o interior do piauí um laboratório de reanimação para fazer as simulações (detalhe): um total de 479 bebês

Fotos: Arquivo pessoal



POR ROBERTA PINHEIRO

Há 27 anos, existe no Brasil o Programa de Reanimação Neonatal (PRN), da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), cujo objetivo é diminuir a mortalidade neonatal por asfixia no país. No entanto, apesar do histórico e da trajetória do projeto, nem todo o país conhece os benefícios dos procedimentos – e bebês morrem ou nascem com sequelas por conta disso. Em algumas cidades e municípios brasileiros, bebês são reanimados em cima de piaas de cozinha ou a morte de recém-nascidos é tratada como desígnio de Deus.

Esta é a realidade encontrada pelo pediatra e neonatologista Renato Lima e apresentada no li-

vro *Uma chance de respirar*, que ganhou segunda edição. Durante 120 dias, o médico atuou no Piauí com a capacitação dos profissionais de saúde que prestam assistência a recém-nascidos no local do nascimento, de acordo com as normativas do PRN. “Dentre os locais que mapeamos, o Piauí tinha a maior dificuldade de capilarizar esse programa no interior e uma mortalidade absurdamente alta de recém-nascidos. Nasceram bebês no sertão que recebiam assistência sem nenhum embasamento”, comenta Lima.

A ideia da viagem veio com a tese de doutorado do médico, realizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A intenção era capacitar os profissionais de saúde dos cinco hospitais e trabalhar com a gestão dos serviços para

tentar melhorar a estrutura da sala de parto. Na bagagem, o médico levou um laboratório de reanimação para fazer as simulações, bem como os ensinamentos do curso oficial do PRN. Foram cerca de 30 dias em cada município, 700 treinamentos e mais de 430 pessoas envolvidas, entre servidores das unidades de saúde e também do Serviço Móvel de Atendimento (Samu).

“Ali, você encontrava uma ignorância de não saber dos procedimentos, não era só uma questão financeira”, detalha o médico. Enquanto em algumas cidades, profissionais da saúde trabalhavam com mais de 80% dos materiais necessários, no Piauí, Lima encontrou municípios com 18% do que era preciso. “Foi praticamente um renascimento na história desses bebês”, pontua.